



Memórias do médico Pedro Nava

Documentos para a História da Saúde e Doenças (1890-1949)

Prof^a Dr^a Vanda Arantes do Vale
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo:

O médico e escritor Pedro Nava (1903-1984) publicou seis livros de memórias no período de 1972 a 1983. Nava, nas *Memórias*, reconstituiu aspectos da sociedade brasileira desde fins do século XVIII até as três primeiras décadas do século XX. O texto mostra as obras literárias de Nava como documentos para a História da Saúde e das Doenças. Busca mostrar como os textos naveanos apontam, como indicadores, para os estudos sobre o assunto. Procura organizar informações que contribuam para os estudos de Literatura e História; História Social da Literatura; História da Medicina e História da Saúde e das Doenças.

Palavras-chave: Pedro Nava; Memórias; Documentos.

Abstract:

Pedro Nava, doctor and writer (1903-1984) has published six Memoirs Books in the period between 1972 and 1983. Nava, in his Memoirs, reconstituted Brazilian society features since the late eighteenth century until twentieth century first three decades. This text shows the literary works of Nava as documents to Health and Diseases History. It also tries to show how these navean texts point, as indicators, to his studies on the subject. It seeks to organize informations that contribute to the Literature and History studies, Social History of the Literature, History of Medicine and Health and Diseases History.

Keywords: Pedro Nava; Memoirs; Documents.

Introdução

Nossa proposta na escrita do texto – “Memórias do médico Pedro Nava – documentos para a História da Saúde e Doenças (1890-1940)” – é fazer uma síntese com algumas modificações e adequações de nossa tese de Doutorado – *Pedro Nava – cronista de uma época: medicina e sociedade brasileira (1890-1940)*⁹⁶. Temos ampliado nossos estudos com a pesquisa em andamento – *Miguel Torga (1907- 1995) e Pedro Nava (1903-1984): médicos em Portugal e no Brasil.*⁹⁷ Nossas pesquisas têm sido perpassadas pela procura de, partindo da obra literária do autor, identificá-la como documentos para os estudos das relações que envolvem a saúde, as doenças e a sociedade.

⁹⁶ VALE, Vanda Arantes. *Pedro Nava – cronista de uma época: Medicina e sociedade brasileira (1890-1940)*. Belo Horizonte: UFMG/ PPFCH, 2009. Tese de Doutorado.

⁹⁷ *Miguel Torga (1907-1995) e Pedro Nava (1903-1984): médicos em Portugal e no Brasil*. Financiamento: PROBIC-JR/FAPEMIG, 03 a 12 de 2012.

Nosso propósito como historiadora é historizar a obra literária, atentando-se para suas especificidades, isto é, inseri-la em seu contexto histórico. Isso significa identificar a circulação social da obra literária. Identificar quem a escreveu e a que segmento social pertenceu (CANDIDO, 1976; CHALHOUUB, PEREIRA, 1998). Na contextualização da obra naveana, é necessário destacar o gênero literário – Memórias. Os livros foram lançados na década de 1970 e início da década de 1980, no período em que numerosas Biografias e Memórias foram escritas. Décadas em que as utopias de construções de novas sociedades foram derrotadas e emergiu com visibilidade o individualismo, a globalização e o neoliberalismo (HUYSSSEN, 2000).

Pedro Nava, ao escrever suas Memórias, construiu um texto identificador de uma geração – a modernista. Geração que defendeu a centralização administrativa, a condução e a construção de uma nacionalidade por um estado forte e apoiou ou hostilizou as políticas de Getúlio Vargas nas décadas subsequentes. Os textos naveanos, memórias de um médico, pontuam aspectos que envolveram essa atividade, no século XX, inseridas em questões da sociedade brasileira. Então, consideramos os textos naveanos como Memórias de si e da geração Modernista (HALBWACS, 2006).

Pedro Nava escreveu seis livros de Memórias: *Baú de ossos*: memórias (1972); *Balão cativo*: memórias 2 (1973); *Chão de ferro*: memórias 3 (1976); *Beira-mar*: memórias 4 (1978); *Galo das trevas*: memórias 5 (1981) e *O círio perfeito*: memórias 6 (1983). Escrevia as páginas iniciais de *Cera das almas*: memórias 7 quando de seu suicídio, ocorrido em 1984. A leitura das Memórias abrange os diversos aspectos da sociedade brasileira no período de 1890 a 1940. Importa ressaltar que recortamos os textos específicos e relativos às questões relacionadas com a Saúde e Doenças. O primeiro livro de Pedro Nava – *Baú de ossos* – assim se inicia:

EU SOU um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais. Se não exatamente da picada de Garcia Rodrigues, ao menos da variante aberta pelo velho Halfeld e que, na sua travessia pelo arraial do Paraibuna, tomou o nome de Rua Principal e ficou sendo depois a Rua Direita da Cidade do Juiz de Fora. Nasci nessa rua, no número 179, em frente à Mecânica, no sobrado onde reinava minha avó materna. E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a Avenida Rio Branco hesitou a minha vida. A direção de Milheiros e Mariano Procópio. A da Rua Espírito Santo e do Alto dos Passos (NAVA, 1972, p. 13).

Trata-se de uma paráfrase do texto de Eça de Queiroz (1845-1900) – “Eu sou um pobre homem da Povia do Varzim...”, trecho de uma carta do escritor português dirigida ao jornalista João Chagas (GOMES, 1960). A influência do Realismo de Eça de Queiroz e de outros escritores é perceptível na escrita naveana, notadamente nos textos relacionados com os estudos de Anatomia, na descrição minuciosa, destaque a aspectos considerados socialmente repugnantes, etc. *Baú de ossos*, como os seguintes, foi sucesso de vendagem e de crítica. Surgiram, então, informações sobre o autor, nos meios de comunicação. Soube-se que era reconhecido e referendado médico ortopedista e que fora ativo participante do Movimento Modernista em sua vertente mineira (VALE, 2009).

No período de 1972 a 1983, foram lançados os 6 livros das Memórias naveanas e, dependendo das edições, os textos somam aproximadamente 2.500 páginas. Numerosos prêmios e homenagens mostram o reconhecimento do meio intelectual à obra naveana. “Um desses monumentos que se erguem a cada cem anos”, no dizer de Francisco de Assis Barbosa, e “mais importante para a cultura brasileira do que Proust para a França”, segundo Otto Maria Carpeauz (WITKOWSKI, 2000). A escrita das Memórias ocorreu após a aposentadoria do médico, junto ao Serviço Público, em 1969; o autor, entretanto,

permaneceu atendendo em seu consultório particular até 1983. O abandono da atividade médica deveu-se ao início de surdez, conforme nos informou Anna Nava, irmã do escritor⁹⁸. O autor tinha 69 anos quando do lançamento do primeiro livro, em 1972 – *Baú de ossos: memórias* (VALE, 2009).

Aparentemente, o projeto de Nava era a escrita de um só livro – *Baú de ossos: memórias* (1972), não enumerado. Supomos que o sucesso junto ao público e à crítica estimulou o autor a trilhar o caminho do memorialismo. Vale lembrar que os livros posteriores são enumerados. Os títulos são significativos e remetem ao conteúdo, sendo que, nos dois últimos, aparecem sinais do desespero constante do autor, que culminou com o suicídio. *Baú de ossos* é referência a esse objeto, feito em madeira, onde uma tia guardava os ossos de uma filha falecida na adolescência. *Balão cativo: memórias 2* remete ao balonismo em Juiz de Fora, no início do século XX. *Chão de ferro: memórias 3* refere-se à composição do solo de Belo Horizonte e trata da mudança da família para a região produtora deste minério.

Beira-mar: memórias 4 relata as experiências do escritor no Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, e o curso de Medicina, em Belo Horizonte. *Galo das trevas: memórias 5* refere-se ao *Ofício das trevas* nas cerimônias noturnas dos três dias da Semana Santa que antecedem ao sábado. A igreja fica iluminada apenas por um candelabro de 13 pontas (Galo das trevas) que vão se apagando (VALE, 2009). *O círio perfeito: memórias 6* título que se refere ao círio, símbolo mais importante da Vigília Pascal. Em meio à escuridão, acende-se um grande círio em uma fogueira previamente preparada. A vela tem uma inscrição em forma de cruz, acompanhada da data e do ano e das letras gregas Alfa e Ômega, o princípio e o fim. Tem incrustados cinco cravos de incenso, simbolizando as cinco chagas de Cristo. Fica aceso em todas as celebrações durante as sete semanas do tempo pascal, até a tarde do domingo de Pentecostes. Nava escrevia os capítulos iniciais de *Cera das almas: memórias 7*, quando do suicídio. *Cera das almas* é a denominação popular dada aos restos das velas que foram acesas durante a Semana Santa. É costume os sacristãos venderem para os fiéis as ceras restantes das cerimônias litúrgicas (VALE, 2009).

O suicídio, ocorrido no momento em que Nava estava em pleno sucesso, foi divulgado pela imprensa, contudo não foi divulgada a causa do mesmo. Quando foi lançado o livro de Zuenir Ventura – *Minha história dos outros* – uma luz se fez sobre a questão. A parte intitulada “O suicídio mal contado” tratou da morte de Nava. Esclareceu que o suicídio foi causado pela pressão que o memorialista vinha sofrendo por parte de um jovem homossexual com quem mantinha relacionamento. Este teria ameaçado Nava com uma foto comprometedoras. Após receber um telefonema, Nava saiu de casa, sentou-se em um banco de jardim e desferiu um tiro no ouvido. Intelectuais ligados ao memorialista pediram para que a Imprensa não publicasse a notícia e as fotos. Eles foram atendidos (VENTURA, 2004).

Nava, em entrevista à Revista *Veja* (Páginas Amarelas), de 14 de março de 1974, observou:

Repórter – A medicina lhe deu grandes prazeres? Teria, por si só, preenchido sua vida?
 Nava – Teria preenchido e preencheu muito bem. Por outro lado, minha obra literária não deixa de ser obra de médico. Quem olhar com atenção, perceberá o médico em cada página, a experiência dele na apreciação do ser humano.

Parafrazeando o autor e somando elementos a sua afirmativa, diríamos que os textos naveanos constituem resultado da escrita de um médico anatomista. Os textos literários

⁹⁸ Entrevista com a Prof^a. Anna Nava, realizada em maio de 2001.

naveanos, entre os inúmeros aspectos destacados, mostram, em sua formação médica, paixão pelos estudos de Anatomia, o contato com a Psicanálise como determinante nas relações médico-paciente e o encantamento com a radiografia em seu início, na década de 1920. Esses três aspectos são perceptíveis no olhar naveano e em sua escrita sobre a sociedade brasileira. A escrita naveana pode ser comparada à dissecação anatômica indo às vísceras de pessoas e acontecimentos reconstituídos ou vividos pelo autor. A Psicanálise e o Raio X foram construções científicas do final do século XIX. Ambas, são marcantes nas Memórias. Buscam o lado de “dentro”, o “oculto” do ser humano, postura norteadora das observações naveanas, ao se mostrar e identificar aspectos não perceptíveis a olho nu, de si, de outras pessoas e da sociedade (VALE, 2012).

Nossas observações são norteadas pela busca de contextualização da obra literária e que, pelas especificidades de nosso objeto de estudo, exigem que recorramos a textos sobre Literatura e História, Memória, História da Ciência, História da Medicina, História da Saúde e Doenças e História Social da Cultura. Recorremos às pesquisas nas áreas mencionadas ao buscarmos fazer uma leitura da obra literária naveana como documento histórico. Neste texto, que se propõe a ser uma síntese, não nos deteremos na exposição dos estudos que foram nossos norteadores. Nomearemos os autores e suas contribuições serão a gênese deste texto (BOURDIEU, 1982, 2004, 2005; CANDIDO, 1976; CHALHOUB, 1998; FLECK, 2010; HALBWACS, 2006; HOBBSAWM, 1998; LORENZO; COSTA, 1997).

Os autores anteriormente citados instrumentalizam nossas observações sobre as trajetórias dos médicos José Nava (1876-1911) e Pedro Nava (1903-1984). Biografias e Memórias de médicos formam uma das linhas de pesquisa em História da Saúde e Doenças – grupo que se tem feito presente em eventos de reunião de historiadores da Associação Nacional de Professores de História (ANPUH) e outros eventos da área. (NASCIMENTO; SANTA, 2006). Nos próximos parágrafos, apresentaremos informações sobre a formação escolar de jovens dos setores letrados da sociedade, aspectos dos cursos médicos, segmentos sociais de onde são originários e referendação social às atividades profissionais e intelectuais. Pedro Nava reconstituiu a trajetória de seu pai em *Baú de ossos*: memórias, iniciando também a reconstituição de sua memória que continua perpassando os demais volumes. Este texto, portanto, trata de como as questões referidas são representadas nas gerações de dois médicos, José Nava e Pedro Nava, que vivenciaram as questões da Modernização e Modernismo na sociedade brasileira.

José Nava (1876-1911)

José Nava nasceu em Fortaleza, em 1876, fez o curso de Farmácia e Medicina em Salvador e na capital federal, foi médico em Juiz de Fora. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1911, aos 35 anos. As origens da família Nava são tratadas no Capítulo I, de *Baú de ossos* intitulada “Setentrião”. Nava informa que seu pai foi filho de família abastada em Fortaleza que se transferira para o Rio de Janeiro e que foi empobrecida pela morte do pai, Pedro Nava, comerciante dedicado a importações. Após a morte paterna e o retorno da família ao Ceará, José Nava teve apoio, em seus estudos, do padrasto e dos familiares, que pertenciam aos setores médios letrados de Fortaleza. Dois centros urbanos são destaques nesse volume: Fortaleza, onde José Nava passou parte da infância e adolescência, e Juiz de Fora, onde casou e trabalhou como médico (1903-1908). A capital federal é mencionada na reconstituição da vida estudantil de José Nava e nos dois últimos anos de vida em que trabalhou como médico nessa cidade. Os escritos de Nava, na reconstituição sobre o Rio de

Janeiro, Fortaleza e Juiz de Fora, no período de 1890 a 1910, formam uma crônica e amostragem do que foi a *Belle Époque* no Brasil (VALE, 2009).

O termo francês *Belle Époque* refere-se à expansão do capitalismo no período de 1870 a 1914. O capitalismo monopolista estendeu-se, mundialmente, em decorrência da formação de potências europeias industrializadas, consumidoras de matérias-primas da Ásia, África e América Latina e exportadora de capitais, serviços e produtos industrializados. A construção do capitalismo norteada pelo Liberalismo, proposta iluminista, construíra uma sociedade que, aos entusiastas, no período, parecia caminhar em um progresso crescente. Pesquisas em laboratórios possibilitariam o fim das epidemias; automóvel, cinema, telégrafo, barco a vapor, aeroplanos e arranhacéus foram alguns dos marcos do mundo organizado pela Razão (VALE, 2012).

O Brasil, independente desde 1822, como outras antigas colônias ibéricas, adequou-se ao Liberalismo, rompendo com as metrópoles, mas mantendo estruturas coloniais, inadequadas às últimas décadas do século XIX. O processo de modernização da sociedade que, na Europa, desde fins do século XVIII, significou a adequação econômica, social e cultural ao capitalismo, ocorreu na América Latina nas três décadas finais do século XIX. No Brasil, capitais excedentes do café possibilitaram a instalação de industriais de bens de consumo, novas áreas foram povoadas com a imigração atendendo à proposta de branqueamento da população, centros urbanos foram organizados ou reformados. A Abolição (1888) e a República (1889) foram ajustes institucionais, modernização; contudo, estruturas advindas do Império permaneceram (VALE, 2009).

Nos textos naveanos sobre Fortaleza, Juiz de Fora e a capital federal, são construídos documentos sobre o cotidiano dessas cidades em sua *Belle Époque*. Pedro Nava, já referido, avô paterno do memorialista, aparece na escrita naveana como homem de hábitos urbanos que dominava o francês e excursionava pela Europa. As transformações urbanas de Fortaleza (1870-1910) – ícones da modernização – foram contemporâneas a graves questões sociais e econômicas (VALE, 2009). Nava supõe que os contatos com a Europa e com a epidemia de varíola que assolou Fortaleza, em 1878, tenha sido marcante na família paterna: “Não é difícil conjecturar os motivos que trouxeram meus avós para a capital do Império. Primeiro as viagens à Europa, requintando a mentalidade dos dois e dando-lhes ambição de vida mais alta, em meio maior e mais elegante” (NAVA, 1972, p. 27). Nava supõe que outros fatos podem ter motivado a família a deixar Fortaleza, cuja região fora assolada pela seca e epidemias de varíola, atingindo também a família de Nava. Nas palavras do memorialista, sobre os eventos mencionados, extraída em longo texto sobre o assunto:

A desorganização coletiva acarretada pelas migrações dos retirantes, a desgraça de cada um encarando a fome e as fúnebres companheiras do flagelo: epidemias de cólera e de bexigas. (...) Basta dizer que em dois meses, a capital cearense viu morrerem 27.378 vítimas da doença. Além de testemunharem essas cenas incomparáveis de passarem o dia à porta, socorrendo famintos, de verem na cidade a dança macabra dos esqueletos ainda vivos de uma população em agonia – meus avós tiveram o toque da doença em pessoa muito cara. Minha tia Marout foi atingida e ao levantar-se, era um espectro do que tinha sido. Seus imensos olhos escuros reduziram-se, apertaram-se e ficaram piscos de receberem a luminosidade que os cílios perdidos não amorteciam; suas tranças grossas como cordas e escuras com a noite, grisalharam e ficaram ralas; sua pele mais lisa que a dos jambos ficou toda áspera e lembrando casca de goiaba branca. cuspiu, um por um, trinta e dois dentes perfeitos que foram substituídos pela fosforescente dentadura dupla que, anos depois, eu a via lavar e escovar, ao mesmo tempo, se sentimento de pejo e de idéias mágicas e ancestrais (NAVA, 1972, p. 62-63).

Nava reconstituiu o episódio repetindo informações orais veiculadas em família e recorreu a estudos sobre o assunto (VALE, 2009). O quadro a que se refere a transcrição, ocorrido no Ceará, na primeira década da *Belle Époque*, foi comum em diversas cidades brasileiras. As epidemias, que sempre foram presentes, tornam-se preocupantes ao final do século XIX e são citadas, frequentemente, nos discursos modernizadores que foram elaborados no período (SCOREL; TEIXEIRA, 2008). A questão da varíola e de sua erradicação por meio de vacinação estiveram em pauta nas discussões políticas dos sanitaristas até o final da década de 1910, notadamente após a proclamação da República (HOCHMANN, 2011). As questões de saúde e doenças trazidas a público são peças do mosaico que formam o cenário da Modernização e da *Belle Époque*, assunto de que trataremos nos próximos parágrafos.

Seguindo a reconstituição naveana da trajetória de José Nava, após a morte do pai por tuberculose, ocorrida no Rio, em 1880, a mãe, Nanoca, retorna a Fortaleza: “Assim ela embarcou no Largo do Paço, carregando nos braços sua filha Maria Euquéria, de seis meses e em cacho nas suas saias, Cândida de sete anos; Dinorá de seis; Alice de cinco; José de quatro” (NAVA, 1972, p. 79). Em 1881, morreu Adelaide Cândida, irmã de Nanoca: “Uns dois ou três anos depois, seu viúvo casa-se com minha avó” (NAVA, 1972, p. 80). José Nava viveu em Fortaleza até os 20 anos (1880-1896) quando se dirigiu para Salvador, onde frequentou os cursos de Farmácia e Medicina por um ano. Depois se transferiu para o Rio de Janeiro, cidade em que se formou em Farmácia, em 1898, e em Medicina, em 1901. José Nava era enteado do tabelião Joaquim Feijó de Melo. As revivências do memorialista sobre a família paterna são pertinentes a um grupo da média burguesia que viveu na capital da província do Ceará, no período da *Belle Époque* (VALE, 2009). Este grupo sempre é visto pelo memorialista com simpatia e ternura, sentimentos diversos aos parentes de Juiz de Fora. A seguir, Nava (1972, p. 82) comenta sobre o padrasto de seu pai e outros familiares:

Convivente, cavalheiro, gostando de receber e fazendo-o como um fidalgo, o velho Feijó influiu poderosamente na maneira gentil e na boa educação de meu Pai. Militante histórico da imprensa da terra e homem de espírito, foi também a primeira impressão intelectual sentida pelo enteado. A segunda foi a de José Carlos da Costa Ribeiro Junior, que entrou para a família em 1884, por seu casamento com Maria Feijó da Costa Ribeiro. José Carlos – que meu Pai considerava como cunhado e tinha por “mestre e amigo”, era um tipo de letrado provinciano, dos mais admiráveis do seu tempo. Filósofo, crítico, contista, poeta, jornalista, foi o Bruno Jacy da Padaria Espiritual. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1882, sequaz das ideias de Tobias Barreto, foi Promotor Público na capital pernambucana e mais tarde Procurador dos Feitos e Secretário de Estado da Fazenda, Juiz, Chefe de Polícia e Advogado na Fortaleza. Sua mais notável atividade foi, entretanto, a de professor, tendo sido diretor do Liceu do Ceará, onde regia a cátedra de Alemão.

Na observação de Nava “na boa educação de meu Pai” e na continuação do texto, temos pistas das ideias circulantes na sociedade brasileira ao final do século. Em outro fragmento de texto, Nava amplia a informação. José Nava, no convívio com familiares e intelectuais locais, teve acesso às discussões que estiveram presentes no final do século, com suas especificidades locais e internacionalmente. Como veremos nas informações sobre as leituras do pai do memorialista, ideias positivistas, darwinistas, evolucionistas fizeram parte do ideário do capitalismo monopolista que estava se expandindo em caráter global (VALE, 2009).

Nos textos naveanos sobre Fortaleza, deparamo-nos com diversos aspectos que perpassaram a sociedade brasileira após a década de 1870. A intensificação da urbanização e a adoção de hábitos burgueses europeus foram visíveis na *Belle Époque* nacional. Em Fortaleza, como em outras cidades brasileiras, houve a adequação urbana aos novos tempos. Setores dessa sociedade estiveram envolvidos em questões como a Abolição e Proclamação da República. Literaturas e conquistas da tecnologia europeia chegavam com rapidez a alguns setores da sociedade. Contudo, a maioria da população permanecia iletrada e sem acesso aos avanços do século XIX. Grupos da sociedade de Fortaleza enriqueceram ao longo do século XIX com a exportação de algodão. Ampliou-se a exportação desse produto para a Inglaterra, sobretudo no período da Guerra de Secessão, ocorrida nos Estados Unidos (1860-1865), e mudanças urbanas e novos hábitos foram adotados por alguns segmentos sociais (VALE, 2009).

José Nava pertencia aos setores letrados da cidade e seus parentes estiveram na organização de várias instituições socioculturais na capital cearense. Destacamos como emblemas da organização sociocultural, no período de 1870 a 1920, em Fortaleza: Atheneu Cearense (1863), Academia Francesa do Ceará (1872) – locais em que as teorias científicas – darwinismo e evolucionismo – foram divulgadas; Gabinete Cearense de Leitura (1875); Clube Literário (1886); Instituto do Ceará (1887); Academia de Letras do Ceará (1894) e Faculdade de Direito (1903). Chamou-se Padaria Espiritual o grêmio literário organizado em Fortaleza, com o objetivo de reunir intelectuais da cidade, entre eles, José Nava e outros parentes. Nava, partindo de livros, memórias familiares e escritos de membros desse grupo, assim concluiu sobre o ideário da Padaria Espiritual, que foi ativa no período de 1892 a 1898:

(...) Não é difícil descobrir quais eram, diante dos laivos de positivismo e de *fraternidade* que transparecem na sua história e no seu modo de ser. Esses aspectos vinham de *vogas* da época. Comtismo. Maçonaria. É muito tênue o que se encontra como influência do primeiro e tudo talvez nem fosse intencional e tivesse tocado os *padeiros* como espírito do século (NAVA, 1972, p. 94).

O ideário comentado por Nava é o referido por nós em momento anterior e que perpassou pelas instituições brasileiras. José Nava, adolescente, participou desse grupo e, quando o memorialista reconstituiu os elementos formadores do pensamento paterno, sintetizou a formação de um intelectual do período. Nava (1972, p. 98-99) expôs o método usado para conhecer a formação intelectual de seu pai, que se fez no Liceu do Ceará:

(...) O conhecimento que já prepararia nele um médico diferente do comum e mais puxado para o gênero do seu futuro amigo Aloysio de Castro – o conhecimento, dizia eu, de Raimundo Correia, Augusto de Lima, Artur Azevedo, Rodrigo Otávio, Araripe Junior, Bilac, Gonçalves Crespo, Machado de Assis, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Luis Murat, Sílvio Romero, Francisco Otaviano e Tobias Barreto. Conhecimento de Camões, Eugênio de Castro, Antero de Quental, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, João de Deus e Antônio Feliciano de Castilho. No estrangeiro, o de Racine, Zola, Musset, Hugo, Lamennais, Théophile Gauthier, Lamartine, Alphonse Daudet, Théodore de Banville, Loti, Catulle Mendès, Comte, Shakespeare, Tennyson, Byron, Cowper, Longfellow, Heine e Schopenhauer. Tudo isto intimidade que está comprovada na curiosa coleção de recortes e de retratos de meu Pai – uma daquelas *miscelâneas* bem do seu tempo e das quais possuo a sua, a de minha Mãe, as de meu tio Antônio Salles. Curiosos repositórios para estudo de uma personalidade, onde ainda surpreendo, por parte de meu Pai, a preferência, entre os pintores, por Rubens, Rafael e Van Dick. Admiração

musical por Mendelssohn e pela virtuosidade de Battistini e da divina Malibran. Gozação do lado grotesco do físico de Lopes Trovão – “O Arara” – e da vaidade imensa de Campos Sales – “O Pavão do Catete” – e preocupações políticas com Benjamin, Deodoro e Floriano. Foi isto tudo que ele aprendeu no Ceará. E mais a valsar, amar, polcar e sonhar. Aprendeu também o dom de ser amigo e o de dedicar-se. O de usar a prenda de fazer o próximo estourar de rir e rir, ele próprio, a bandeiras despregadas. E foi assim que em princípios de 1896 ele foi para a Bahia, onde se matriculou nos cursos de Farmácia e de Medicina da nossa mais velha faculdade. Era o ano em que o Belo Horizonte alvorecente batia o pleno das suas construções, em que surgiam no sertão os primeiros incidentes com Antônio Conselheiro, em que tomava posse no Governo do Ceará o Doutor Antônio Pinto Nogueira Accioly e em que Prudente de Moraes moderava a República a rédea leve. Meu Pai tinha 20 anos.

Na transcrição apresentada, temos informações mais completas sobre a formação de José Nava e os relacionamentos (Capital Social) que o colocam congênere à intelectualidade do período (*Habitus*), e Nava reconhece que é uma educação diferenciada (Distinção Social) (BOURDIEU, 1982, 2004, 2005). No Capítulo III, intitulado “Paraibuna”, na obra *Bau de ossos: memória*, Nava reconstituiu a trajetória de seu pai como aluno dos cursos de Farmácia e Medicina em Salvador e no Rio de Janeiro, onde se formou na primeira atividade em 1898 e na segunda, em 1901. José Nava fez seu preparo profissional no momento em que a atividade incorporava os princípios da microbiologia, elaborava estratégias para sua hegemonia na sociedade e buscava sua expansão com a criação de novas faculdades de Medicina (FLECK, 2010).

Na reconstituição feita por Nava sobre a vida estudantil de seu pai, a qual se deu sob a égide da Reforma Saboia de 1882, temos indícios de concepções de ciências que circularam na formação de médicos brasileiros ao final do século XIX. O ensino do período buscou inserir a pesquisa experimental no campo educacional. A construção de laboratórios e inovações curriculares de orientação germânica que enfatizavam a prática foram inovações pedagógicas do período, para uma geração formada nos princípios do Sanitarismo. A reconstituição naveana da formação e atuação de seu pai apontam para a presença de pesquisas ligadas ao ensino na geração que antecedeu Oswaldo Cruz (EDLER; FONSECA, 2006a).

Nava consultou textos, buscou informações sobre currículos para a reconstituição da formação médica de seu pai. Destaca as disciplinas, os livros adotados, os nomes de professores, etc. Formando-se em Farmácia, no ano de 1898, montou a Farmácia Nava, que lhe forneceu recursos financeiros para sua manutenção até a formatura no curso de Medicina, em 1901. No texto do memorialista sobre as atividades do pai, como farmacêutico, encontramos indícios das transformações que estavam ocorrendo na área. As farmácias, na segunda metade do século XIX, foram substituindo as boticas. Profissionais formados em cursos superiores após 1832, enfatizando o caráter científico da profissão, foram se diferenciando dos antigos boticários, práticos vendedores de drogas. A manipulação de drogas passou a exigir formação específica. Nas últimas décadas do século XIX, nesses estabelecimentos, ao lado das atividades de manipulação, começaram a aparecer os produtos industrializados, notadamente os alemães (EDLER, 2006b). Na reconstituição de Nava, temos a farmácia de propriedade de seu pai, exemplo sobre o assunto:

Estavam no primeiro caso os remédios que curavam as anemias, as tosses, os vapores, as asma, os esgotamentos, as descompensações, as pontadas, as dispepsias, as sífilis e as gonorreias da *belle époque*, como os cacodilatos, os metarsinatos e as lecitinas de Clin; os mercúrios simples da solução de Panas e os idodados de Pro-khrow; a papaína

do Dr. Niobey, o Gonosan Riedel, os pós de Legras, o sândalo Midy, as soluções de Truneczek, Picot e Barbosa Romeu. (...) No segundo, os óvulos, os percolatos, os xaropes, os elixires, os electuários, os supositórios, as velas, os comprimidos, as pílulas, as cápsulas e os papéis – todo o estadear triunfante da era do *julepo gomoso* – que meu Pai edulcorava, tamisava, pulverisava, fervia, distilava, decantava, coava, secava, espoava ou moldava – com os requisitos da farmácia galênica. Ele manteve a botica e por ela foi mantido até formar-se e só a passou adiante quando se atirou à clínica do interior (NAVA, 1972, p. 217-218).

José Nava, após a formatura, instalou-se na localidade de Sossego, nas proximidades de Juiz de Fora, em 1903, nessa cidade, onde permaneceu até 1909. Em Juiz de Fora, José Nava teve ativa participação na vida desse centro urbano onde exerceu diversas atividades, como se pode verificar a seguir:

Meu Pai foi Diretor da Higiene Municipal em Juiz de Fora, nos períodos de administração dos Drs. João d'Ávila e Duarte de Abreu: princípios de 1903 até dezembro de 1907. Coube-lhe, nesse cargo, apoiar e fiscalizar as feiras rurais que se realizavam nos arredores da cidade e socorrê-la durante o verdadeiro flagelo que foram as enchentes de 1906. O Paraibuna furioso invadiu a parte baixa da zona urbana, transformando-a numa espécie de Veneza, em que se andava de barco quase até a Rua de Santo Antônio.

(...) Mas o principal serviço prestado por meu Pai a Juiz de Fora foi ter erradicado dali a febre amarela, introduzindo as medidas preconizadas pela Teoria Havanesa, como ele próprio disse em correspondência enviada ao *Brasil-Médico*, a 14 de abril de 1903:

De acordo com os processos seguidos pela higiene moderna, tenho tomado todas as medidas de precaução, fazendo queimar piretro nos aposentos, aconselhando o uso de cortinados, promovendo a destruição das larvas do Stegomyia nos sifões das ruas e nos pântanos...

Além de Diretor da Higiene, meu Pai foi, em Juiz de Fora, Presidente do Liceu de Artes e Ofícios; Professor de Terapêutica e Matéria Médica da Escola de Odontologia do Granbery – o que o coloca entre os pioneiros do ensino paramédico e de que resultou o médico, na cidade; e Diretor do Hospital de Isolamento Santa Helena, que ele refundiu e de que varreu tudo o que ficara do antigo lazareto (NAVA, 1972, p. 292-294).

Nas atividades de José Nava, percebemos uma cidade onde os problemas de Saúde e Doenças estavam presentes, eram discutidos e se buscavam soluções para os mesmos à maneira de fins do século XIX. As soluções apresentadas seriam perpassadas por observações científicas postuladas pelos estudos do Sanitarismo. Juiz de Fora, situada na Zona da Mata mineira, foi cidade pioneira na industrialização brasileira, razão do codinome – Manchester Mineira (1880-1930). A região foi ocupada pelo plantio do café após 1840, o que trouxe o adensamento populacional com pessoas oriundas das zonas mineradoras e imigrantes germânicos, italianos e de outras origens. Ao final do século XIX, capitais excedentes do café foram investidos na instalação de indústrias de bens de consumo, marcando espacialmente e historicamente a cidade (VALE, 2009).

Nava reconstituiu a trajetória de seus parentes maternos na formação da cidade e testemunhou, em sua infância, o cotidiano de Juiz de Fora. Identifica, por meio do cotidiano vivido, as contradições da cidade como a permanência de práticas escravocratas de sua avó e o espanto de sua tia diante de uma greve operária, ocorrida em 1912. Cidade onde a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (SMCJF), fundada em 1898, combatia o exercício de cura dos práticos e procurava ocupar espaços nas políticas públicas de saúde (NAVA, 1972; ANDRADE, 1984; BARROSO, 2008; LANA, 2006).

As instituições voltadas para a Saúde e Doenças, em Juiz de Fora, e nomeadas por Nava, estão inseridas no universo institucional da República Velha. A geração de José Nava foi educada dentro de princípios positivistas e influenciada por essa corrente, que ocupou espaço na organização do novo regime, que se propunha modernizador. O período é marcado pela criação, notadamente em São Paulo e Rio, de várias instituições voltadas para a saúde. Em São Paulo: Instituto Agrônomo de Campinas (1887); Instituto Vacinogêncio para o desenvolvimento das vacinas (1892); Instituto Bacteriológico (1893) e o Instituto Butantan (1901). Na capital federal, encontramos o Instituto Manguinhos (1900), sendo todos contemporâneas ao universo institucional organizado em Juiz de Fora e mencionado por Nava (VALE, 2009).

José Nava, como vimos em parágrafos anteriores, era oriundo de família cearense com hábitos urbanos e atividades intelectuais afinadas pelos princípios científicos da modernização brasileira do século XIX. Em Juiz de Fora, conseguiu espaços de ação em uma atividade que estava sendo ampliada; contudo, o médico se depara com resquícios escravocratas na Manchester Mineira e se antagoniza com a sogra Maria Luísa Jaguaribe (VALE, 2009). A família materna de Pedro Nava era oriunda de Santa Bárbara, zona mineradora povoada por escravocratas e escravos no período colonial. A permanência de práticas escravocratas na família da mulher gerou o antagonismo de José Nava com a mesma. Pedro Nava explica a transferência de seu pai para o Rio, em 1909, como uma busca de se manter longe desse convívio. Sobre a questão, o memorialista comenta:

Descendente de uma família cidadina, filho de um comerciante liberal, meu Pai assim que conheceu melhor a sogra rural, escravocrata, dominadora e violenta, tomou-lhe horror. Protestou logo contra a pancadaria, a palmatória e marmeleiro a que Inhá Luísa submetia as numerosas crias que tinha dentro de casa e achou ruim esse *ersatz* da escravidão. Abolida esta e não se podendo mais comprar o negro, as senhoras de Minas tomavam para criar negrinhas e mulatinhas sem pai e sem mãe ou dadas pelos pais e pelas mães. Começava para as desgraçadas o dormir vestidas em esteiras postas em qualquer canto da casa, as noites de frio, a roupa velha, o nenhum direito, o pixaim rapado, o pé descalço, o tapa na boca, o bolo, a férula, o correão, a vara, a solidão (NAVA, 1972, p. 81).

No Rio de Janeiro, o pai do memorialista ingressou no Serviço Público e reatou laços de amizade de seu período estudantil. José Nava, segundo o memorialista, era asmático, enfisematoso e desgatou-se, fisicamente, em razão do concurso para o ingresso no emprego público. No exercício da atividade, contraiu uma enfermidade, que o levou à morte. No testemunho de Pedro Nava, em 1911, com oito anos, encontramos várias informações sobre a assistência médica pública, terapias do período e revivescências de práticas mágicas diante de posturas científicas que não impedem a morte (VALE, 2009). O memorialista, ao escrever sobre as atividades profissionais, o adoecimento, a agonia e a morte do pai, registra a dramaticidade do episódio:

(...) Na Delegacia de Saúde do Meier, o trabalho era, principalmente, o das visitas domiciliares para verificar as notificações compulsórias. Icterícia febril na Rua Dias da Cruz. Caso suspeito de cólera em Capitão Rezende. Tifo em Arquias Cordeiro. Peste em São Brás. Lá ia o moço doutor no calhambeque da Saúde, tirado por magras pilecas, pelas ruas do subúrbio. Ia com alegria e boa vontade. Bem consigo e com a vida, bem remunerado e cheio de esperança vendo no horizonte a clínica que não podia falhar, a Academia com que já lhe acenara o Aloysio e quem sabe? a Faculdade, com que todos sonhavam. Coragem! porque essa vida de plantão suburbano, entre febricitantes, e de plantão no necrotério, entre defuntos, é apenas o primeiro passo. E lá

ia o doutor: ao sol, ao vento, à chuva, constatar os disentéricos, os varilosos, os tetânicos, os esporádicos e últimos casos de febre amarela. Assim é que naquele 30 de junho ele foi ver, na Rua Honório, uma criança com difteria.

(...) No quarto ele tomou o clássico leite pelando, com conhaque, mas quem disse que aquela chapueraba evitava gripe? Veio primeiro o esperado acesso de asma e às onze da noite o termômetro já tinha subido, como um foguete, para 40 graus centígrados. (...) No terceiro dia as coisas se definiram e o Dr. Duarte de Abreu enunciou o diagnóstico. Augusto e solene como um verso. Broncopneumonia gripal infecciosa. E nem ele nem o Adolfo estavam satisfeitos. Ainda se fosse num homem forte, vá lá... Mas numa criatura fraca, esgotada por dois concursos, pelo excesso de trabalho, num asmático que sufocava cada noite, que entrava em crise a cada três dias... Com aquele enfisema... (...) As poções, os xaropes, os electuários cintilavam, de todas as cores, dentro de vidros cujas rolhas e gargalos se revestiam da chapeleta pregueada de papel impermeável. *Agite antes de usar*. Misturavam-se às caixas cheias das pílulas rolando no licopódio, às das cápsulas, às dos papéis parafinados, às das empolas brancas da cafeína, da esparteína e das azuis do óleo canforado, cuja entrada em cena foi recebida como augúrio nefasto. Era considerado remédio extremo para males extremos. Minha mãe aprendera a fazer as injeções e aplicava-as sem parar, na hora dos delíquios. O doente já não podia mais. O electrargol fracassou fragorosamente. Começaram as rezas, as promessas, as velas acesas, os projetos de subida da Penha de Joelhos. Os conhecidos mandavam bentinhos, medalhas milagrosas, *agnus-dei*. A Dona

Leonídia Teixeira chegou um dia brandindo uma saia branca da *santa* Zélia Pedreira. (...) Afinal rebentou o vaso da ira e depois da vômica a febre moderou seu incêndio, estabilizou-se entre 37 e 38, meu Pai parou de divagar, emergiu do delírio, passou a reconhecer as pessoas e a agradecer as xícaras de mingau que tomava confortado. Os médicos entusiasmados, já falavam em convalescença e autorizavam o champanha quatro vezes ao dia. A 30 de julho de 1911, um mês depois de doente, meu Pai pasmou de repente, derramou a vasilha de leite que bebia sentado e caiu sobre os travesseiros. Todos acorreram aos gritos da tia Candoca chamando – o José está morrendo! – minha Mãe quebrou a agulha da última injeção, e o Crucifixo arrancado da parede passou para as mãos o agonizante. A vela do trânsito era um absurdo na luminosidade daquelas nove horas da manhã e um clamor atroou, rebentou contra as paredes como uma onda que sobe, submerge, estoura, baixa e recua fervendo. Quando a casa silenciou, todos foram cambaleando e abraçados para o quarto de trás, enquanto o Lafaiete e o Heitor Modesto trancavam-se no da frente carregando a casaca, botinas de verniz, roupas engomadas, a gravata imaculada, um vidro de álcool, o pacote de algodão e os apetrechos de barbear. Seria a última vez... (NAVA, 1972, p. 385-389).

A dramaticidade do episódio é ampliada com a situação do quadro familiar do memorialista. A mãe, viúva aos 28 anos com quatro filhos menores de oito anos, grávida da quinta, que nasceria dias depois, deparou-se com a problemática financeira da educação e do sustento da família. A solução emergencial foi o retorno a Juiz de Fora para o abrigo na casa da avó do memorialista. A saída da família do Rio e a chegada em Juiz de Fora ocupam as duas últimas páginas do *Baú de ossos*: memórias. Destacamos o trecho em que Nava faz referência à postura de sua mãe:

(...) À hora de levantar, ainda escuro, ouvimos pela última vez o apito da fábrica e ao seu silvo lancinante minha Mãe começou a chorar – entendendo pela primeira vez aquele apelo prolongado que a chamava para sua vida de operária dos filhos, de proletária da família. Logo enxugou as lágrimas e tocou para a frente. Enterrou ali mesmo sua existência de Sinhá-Pequena para iniciar a luta áspera da Dona Diva (NAVA, 1972, p. 391).

Diva Jaguaribe Nava permaneceu com os filhos na cidade até 1913 quando da morte de sua mãe. Após o acontecimento, acompanhou o pai em mudança para Belo Horizonte. Na capital mineira, Diva sobreviveu com os filhos contando com o auxílio financeiro de parentes do marido e exercendo diversas atividades autônomas. Na década de 1920, ingressou nos Serviços dos Correios e Telégrafos, sendo uma das pioneiras do ingresso feminino no Serviço Público, em Minas Gerais. Oriunda de setores tradicionais da sociedade brasileira, pôde, em Belo Horizonte, construir uma rede de relações sociais que lhe garantiram a sobrevivência e o encaminhamento profissional dos filhos (SALGADO, 1999). Pedro Nava, em entrevista concedida a Helena Bomeny, afirmou: “Inconscientemente quis continuar com a história de meu pai”.⁹⁹

Pedro Nava (1903-1984)

Os fatos marcantes da infância de Pedro Nava, até os oito anos, já foram mencionados no estudo que fizemos da reconstituição da trajetória de seu pai. As fontes para nossas observações foram *Baú de ossos*: memórias e a consulta a estudos sobre o período. Na busca de construção da trajetória do escritor, nossa principal fonte documental é a obra memorialística. Acrescentamos informações que foram obtidas nos arquivos de Pedro Nava que se encontram no Arquivo do Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e estudos acadêmicos sobre os diversos aspectos que permeiam a obra. Nos próximos parágrafos, continuaremos apresentando, sumariamente, as obras e destacando os aspectos que interessam a este texto.

Balão cativo: memórias 2 é dividido em quatro capítulos: Capítulo I: “Morro do Imperador” – o título refere-se ao morro de Juiz de Fora onde, de seu cume, avista-se grande parte da cidade. Trata da estadia da família na casa da avó materna, em Juiz de Fora, até sua morte, em 1913, quando a família decide mudar-se para Belo Horizonte. O memorialista continua com suas observações sobre Juiz de Fora, no período de 1911-1913, e termina o capítulo com a chegada da família à capital mineira. Capítulo II – “Serra do Curral” – em que estão as observações naveanas sobre os parentes residentes em Belo Horizonte, aspectos do convívio social entre familiares e estudos no Colégio Anglo-Mineiro, no período de 1914-1915. Capítulo III – “Engenho Velho” – o subtítulo refere-se à denominação do período imperial dada à área do Rio de Janeiro onde hoje se encontra a Rua Haddock Lobo. Há observações sobre os parentes paternos, residentes no Rio, e termina com a transcrição de anotações do tio Antônio Salles: “4 de abril de 1916 – Pedro entrou para o Internato do Colégio Pedro II” (NAVA, 1973, p. 264). Capítulo IV – “Morro do Barro Vermelho” – subtítulo referente à denominação de uma das inúmeras elevações do Rio de Janeiro. Trata da convivência com os parentes e os primeiros contatos com os colegas do Colégio Pedro II.

Destacaremos, na consulta ao *Balão cativo*, o testemunho naveano sobre a morte da avó Maria Luísa e as relações do memorialista com os colégios Anglo-Mineiro e Pedro II. Como mencionamos anteriormente, a avó do literato, em Juiz de Fora, mantinha práticas escravocratas com seus serviçais. Justina, uma das criadas, provocou a ira da patroa, ao introduzir, inadvertidamente, na sala de visitas da casa, uma serviçal negra que trazia como presente sapotis para a patroa. Maria Luísa reagiu com indignação: “Olhe, cachorrone! negro aqui espera do lado de fora”. (...) E tome. As costas da mão na boca da Justina,

⁹⁹ Entrevista concedida a Helena Bomeny e René Batista em 3 de abril de 1983. Este material é inédito, e a entrevistadora, generosamente, forneceu-nos uma cópia.

quebrando a boca da Justina” (NAVA, 1973, p. 72). A reação da criada foi o silêncio e a busca de vingança. Ela recorreu a práticas mágicas. Rachava lenha quando a patroa passou nas proximidades: “Foi andando e, quando ela estava já bem de costas, a negra sacou dos peitos um pedaço de palha, deu uma laçada, olhou através dela a Inhá Luísa e foi apertando o nó, apertando o nó, apertando o nó, aos poucos, até fechá-lo” (NAVA, 1973, p. 73). O episódio foi presenciado por uma filha que se encontrava em uma das janelas da casa. Quando foi em direção à negra, esta desaparecera. Dias depois, a família se preparava para as comemorações de noivado de uma das filhas. Nava reconstituiu os preparativos para a festa, a interrupção com a doença e morte da avó em um parágrafo que ocupa quatro páginas. Faremos destaques, transcrevendo fragmentos sobre posturas terapêuticas e comportamentos diante da morte:

(...) Olhou e viu a Inhá Luisa como que abestalhada, derramando tudo, a cara puxada para um lado, metade do corpo se firmando e metade de pedra, resvalando. Cortada ao meio. Correu com a Rosa, impediram a queda e vieram trazendo a velha, trôpega para a sala de jantar. Eu vi sua entrada, lembro! arrastando as pernas. Assombrou-me o desvio do rosto e a expressão distante do olhar – pasmo, vidrado, fixo nos aléns. Surpreendi, depois, muitas vezes, essa expressão terrível que resulta no golpe de clava da congestão cerebral. O Almada chegou correndo. Examinou minha avó na cadeira de balanço em que a tinham colocado. Sangrou, logo, generosamente. (...) O Seu Elias era talvez o último representante de uma raça extinta – a do cirurgião barbeiro. (...) Conferenciou com o Almada e meu tio, desembrolhou o boião de vidro em que mexiam os helmintos e iniciou sua aplicação. Ele fazia uma rodilha de pano úmido, como as dos que levam um peso à cabeça, nelas pinha quatro, cinco, seis sanguessugas e aplicava contra a região da mastóide que ele debastara um pouco dos cabelos. Quando ele tirava, tinham pegado uma, duas e ele recomeçava até que atrás das orelhas ficaram, bem presas e puxando, umas oito bichas de cada lado. Elas iam crescendo, inchando, ficando lustrosas e latejando. Caíam de fartas. (Quando o Elias, o Almada e meu tio Meton acabaram, a Inhá Luisa (segundo a expressão de humor negro de nosso jargão médico) – *cachimbava*. (...) Houve aquela gritaria das filhas e das negrinhas, tia Dedeta perdeu os sentidos e tio Meton chegou, diante da boca de minha avó, um espelinho que não embaçou (NAVA, 1973, p. 73-77).

A doença como punição a um ato praticado, ou como decorrência de práticas mágicas de outro, é permanente nas sociedades humanas. Sobrevivem no mundo ocidental em sociedades organizadas sob os postulados da Razão do Iluminismo. Nava, em diversos momentos, registra enfermidades em decorrência de práticas mágicas e, no exemplo, usadas como vingança. Igualmente, é possível perceber nos textos naveanos o testemunho de recorrência a soluções mágico-religiosas por parte da família de doentes, como soluções para a cura. Como na doença e agonia de seu pai, tratamentos por médicos e práticas religiosas estiveram presentes nos fatos relacionados à morte da avó (SONTAG, 2007; ALEXANDRE, 2006).

A sangria é procedimento usado desde a Antiguidade, adentrando pelo Ocidente como marca identificadora da Medicina Galênica, que se caracteriza pela intervenção (ROSEN, 1994). Torna-se presente na sociedade brasileira desde o período colonial, pela referida herança e como prática de cura dos escravos africanos (DANTAS, 2011). Ofício manual, frequentemente exercido por escravos, foi presente no século XIX, pois foi incorporada na Medicina ensinada nas Academias e Faculdades. A aceitação da sangria pelos médicos deve-se à divulgação das propostas do francês Broussais (1772-1838), teorizador da Medicina Fisiológica para quem não existiria doenças, mas órgãos debilitados. A sangria, aplicação de sanguessugas e dietas seriam a terapêutica indicada por

Broussais que perdeu adesões na segunda metade do século XIX (KOURY, 2002). Contudo, a prática persistiu na sociedade brasileira ao longo do século XIX e adentrou pelo século XX entre praticantes de cura e médicos.

O segundo aspecto destacado por nós e mencionado por Pedro Nava na obra *Balão cativo* é sua matrícula no Ginásio Anglo-Mineiro: “Destinado a abrir-se em princípios de março de 1914, o Ginásio Anglo-Mineiro, com sua piscina, seus recreios e pavilhões luxuosos, devia vir construindo desde 1912” (NAVA, 1973, p. 116). O apoio à fundação dessa instituição de ensino pelo inglês Joseph Thomas Wilson Sadler foi dada por Mendes Pimentel (1869-1967), liderança política na cidade e no estado. Nas palavras de Nava: “Foi possivelmente nessa época, por iniciativa de Mendes Pimentel, que os ‘homens bons’ de Belo Horizonte se reuniram para criar uma instituição que fosse, em Minas, o seu Eton e o anti-Caraça” (Ibid.). Na seguinte citação, o memorialista dá testemunho dos esportes praticados no colégio, destacando-se o futebol.

Na organização do Anglo-Mineiro e no incentivo aos esportes, entre eles o futebol, deparamo-nos com exemplos de propostas modernizadoras – ensino com diretrizes inglesas e incentivo ao esporte. A educação agora passava a ser vista como um investimento necessário à reprodução do ideário republicano e à expansão da economia. O Estado precisa educar e civilizar, e as elites viam, na educação importada dos Estados Unidos da América (EUA) e da Inglaterra, o símbolo do progresso e da modernidade, tão necessário à formação de novos dirigentes do Brasil. É nesse contexto que o projeto educacional metodista encontra no país uma razoável receptividade (MESQUIDA, 1994). A instalação do Anglo-Mineiro, em Belo Horizonte, é correlata aos estabelecimentos protestantes Grambery (Juiz de Fora) e Mackensye (São Paulo) e segue o propósito explícito na transcrição feita anteriormente, ou seja, deveria ser um anti-Caraça, referindo-se à educação católica ministrada no tradicional colégio e seu caráter livresco. A valorização dos esportes, igualmente, foi estratégia modernizadora republicana como questão de saúde (VALE, 2012).

As disciplinas eram ministradas em inglês e a permanência de Nava na instituição (1914-1915), no regime de internato, possibilitou-lhe o domínio desse idioma aos 12 anos. No Anglo-Mineiro, o memorialista estabeleceu vínculos de amizade com colegas que eram filhos de grupos dirigentes do estado e do país. Foi incentivado à leitura de textos da Literatura Inglesa (NAVA, 1973). Oriundo de família empobrecida de Juiz de Fora, com vínculos e amizades com as mesmas, no Anglo-Mineiro, tem início o acúmulo de capital social e simbólico do memorialista (BOURDIEU, 1982).

Com o encerramento das atividades do Anglo-Mineiro, Nava transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde fez exame de admissão, tendo sido aprovado no Colégio Pedro II, local em que estudou como interno. Trata-se de um estabelecimento federal destinado a preparar adolescentes oriundos de setores privilegiados da sociedade para o ingresso nos cursos superiores. Nos finais de semana, ia para a casa dos parentes paternos, intelectuais e funcionários públicos. O adolescente se espanta com o que vê: “Nunca eu tinha visto tanto livro como na biblioteca de meu tio” (NAVA, 1973, p. 191). Outra observação sobre a residência dos tios: “As reuniões noturnas da Pensão Moss adquiriram caráter nitidamente literário como a mudança para a mesma do poeta Heitor de Lima (Ibid., p. 115).

O adolescente teve gratificante acolhida dos parentes e estímulo para dedicação aos estudos e leitura. As experiências do período adentram pelo terceiro livro: *Chão de ferro: memórias 3*. No Capítulo I – “Campo de São Cristóvão” – faz referência à localização do estabelecimento. No Colégio Pedro II, entre os colegas, destacou-se pelo domínio do inglês e o talento com o Desenho. Permaneceu na instituição de 1916 a 1921. Nava ampliou seu capital cultural (francês, literatura), social (contatos com filhos de grupos dirigentes) que

formaram seu capital simbólico (boas maneiras, domínios de código de “boa educação”), que lhe permitiram ascender socialmente, mesmo sendo de família pobre (BOURDIEU, 1982, 1985). Destacamos, na transcrição a seguir, como se forma a concepção de Ciência para o memorialista, aprendida das aulas da disciplina História Natural:

(...) Quando principiou o ano letivo encontramos o Lafayette tinindo e pronto para começar suas aulas. A primeira que ele nos deu foi também a de sua estreia como professor do Colégio Pedro II. (...) Ele acrescentou então que os livros adotados seriam o Paula Lopes, o Pizon, o Aubert e o Remy Perrier. Mas que o livro principal seria ele mesmo, ele, Lafayette, que ia dar um curso, e não ficar nessa de marcar lição, tomar lições. (...) Explicou que aos reinos de Linneu, Collerson acrescentara mais um – o planetário, cujo exemplo típico estava no Sol, como para o animal, no Homem, para o vegetal, na Vinha, para o mineral, no Ouro. Mostrou Geofroy de Saint-Hilaire, orgulhosamente, querendo separar essa imundície humana num quinto reino onde tronaria sozinho o *Homo sapiens*. Ele, Lafayette, era contra isso e propunha que dividíssemos os seres da natureza num primeiro grupo de inérticos, ou inorganizados, ou brutos; e num segundo, comportando os seres vivos ou orgânicos. Nesse estávamos nós, os homens, em comum com as serpentes, os morcegos, os sapos, as lesmas, as zebras, as hienas. Mostrou o homem feito de células, falou de sua continuidade, quase eternidade – *omnis cellula ex cellula*. Disse destas se dispondo em tecidos; das funções e propriedades desses tecidos; das localizações do encéfalo. E a alma? doutor, onde? fica nossa alma. Ele riu largamente. Que alma? Foi uma bomba. Ouvimos pela primeira vez os nomes de Claude-Bernard, Berthelot, Cuvier, Huxley, Hooke, Malpighi, Mirbell e Fontana. Ouvimos palavras prodigiosamente novas e sonantes como cariocinese, mitose, nucléolo, cromossômio, mitocôndrio. O verbete cromatina cintilou, como faísca acesa de repente. Dentro de nosso ensino vagamente antiquado e cheio de preconceitos quase escolásticos, as aulas do Lafayette foram como a abertura de largas janelas aos ventos da natureza e do mundo, tudo junto, num largo sopro de vida orgânica (NAVA, 1976, p. 236-239).

A abordagem do professor marcou a concepção de Nava sobre a vida e o sentido das Ciências. Concepção que circulou no período e exemplifica como um “estilo de pensamento” é divulgado através da Educação e age no direcionamento da Ciência (FLECK, 2010). Temas, autores e livros presentes nas aulas de Lafayette são amostragens das ideias circulantes na sociedade brasileira em sua *Belle Époque*, notadamente o Positivismo. Concepção de Ciência e formação de um pensamento veiculadas para uma minoria – jovens matriculados em uma instituição laica. O ambiente republicano possibilitou a propagação dessas propostas (VALE, 2009).

Como mencionamos anteriormente, as experiências do D. Pedro II adentram pelo *Chão de ferro*: memórias 3. O capítulos II – “Rua Major Ávila” e III – “Avenida Pedro I” tratam das férias escolares em Belo Horizonte, dos contatos sociais, do retorno para o Rio, dos episódios que envolvem a epidemia da gripe espanhola, das experiências humanas no convívio com parentes e colegas. As páginas finais do Capítulo III de *Chão de ferro*: memórias tratam do final do curso e do retorno do escritor a Belo Horizonte: “Decidi com o Modesto que embarcaria para Belo Horizonte. Ia estudar Medicina na sua nova Faculdade” (NAVA, p. 272). O Capítulo IV, intitulado “Rua da Bahia”, inicia-se com a observação: “CHEGUEI A BELO HORIZONTE com as grandes águas de 1921” (NAVA, 1976, p. 275). Inicia-se a crônica estudantil do acadêmico de Medicina que observou:

Afinal começava o 1921 com seus trabalhos. Era o primeiro ano da década fundamental da vida de minha geração. O tufão dos *whirling twenties, des années folles* estava ali e não tínhamos percebido nenhuma diferença. Ela seria vista como

tudo, no Tempo, quando olhada em perspectiva. Sem os trinta não teríamos entendido a loucura desencadeada nos vinte e pontuada por dois socos. O primeiro de Dempsey pondo KO Georges Carpentier. O elefante esmagando o tigre. O segundo começado por Antônio Carlos, continuado pelo Cardeal e acabado por Getúlio – pondo por terra o nosso *Braço Forte*. Onde? a *invencibilidade do Barbado*. Foi, segundo a frase do Andrade, o abacaxi descascado com lâmina gilete. 1921. Eu iniciaria minha Medicina com o entusiasmo que nunca mais me deixaria pela profissão admirável. Alguma coisa havia no ar que ninguém entendia, que a Guerra abafara e que a belicosa paz dos vinte ia fazer explodir dentro dos que seguiam paralelamente à sua, a vibração da idade do século. Um sussurro se ouvia para os lados de São Paulo onde um poeta de trinta e um anos chamado Oswald de Andrade publica um artigo chamado *O meu poeta futurista*, sobre Mário de Andrade, então com vinte e oito – artigo que desencadearia a reação burguesa boçal contra o último – de repente posto de lado e perdido seus alunos. Não sabíamos nada disto mas nas várias ruas de Belo Horizonte estavam trafegando, àquele ano, uns poucos moços que iam se conhecer, se compreender, desafiar a cidade, serem nela marginalizados. Ainda não tinha acontecido mas se o caso de São Paulo fosse levado em conta, cada um veria o símbolo de muita coisa que ia suceder na nossa jovem capital. Mas tudo tão ainda por chegar... Àquela hora eu descia meu caminho a pé para as aulas da Faculdade. Aproximei-me temeroso imaginando o recomeço da estupidez da véspera mas, não. Tinha acabado, o trote durava um dia só e estavam no pátio os grupos que iam para as aulas. Em frente às escadas o do nosso primeiro ano. Fomos nos abeirando uns dos outros e travando conhecimento. Logo divisei várias caras do Anglo. Tinham crescido, botado corpo, virado uns mocetões. Lá estavam Paulo Gomes Pereira, Otávio Marques Lisboa, Guy Jacob, Clodoveu Davis, Antônio Jacob, Roberto Baeta Neves. Comigo, sete representantes dos tempos do Jones. Logo nos juntamos refazendo a velha camaradagem e nos apresentando a uns e aos outros novos conhecimentos (NAVA; 1976, p. 318-319).

Diversos aspectos podem ser observados na transcrição apresentada. Pedro Nava olha para seus 18 anos na perspectiva de um septuagenário e comenta como isso interfere no olhar e julgamento de fatos do passado. O autor coloca como marco uma luta de boxe, a do norte-americano Jack Dempsey nocauteando o francês Georges Carpentier, em 1921. Essa luta marcou o esporte. O norte-americano é referência no esporte mundial e a transmissão da luta pelo rádio foi evento inovador. Nava pontua políticos brasileiros, Antônio Carlos e Getúlio, que marcarão a vida do memorialista, o primeiro como amigo e o segundo representa a ligação com as questões políticas de saúde que foram marcantes na geração de Pedro Nava (VALE, 2009).

Ainda na transcrição, destacam-se os nomes de Oswald de Andrade e Mário de Andrade, referências na vida do autor e do Modernismo Brasileiro. Finalmente, descreve fatos sobre o seu primeiro dia de aula na Faculdade de Medicina e o reencontro com antigos colegas do Anglo-Mineiro. No fragmento apresentado, as observações naveanas são como setas que apontam para aspectos que serão desenvolvidos nos volumes posteriores. Nava identificou, na década de 1920, a gestação das que estavam por vir (VALE, 2009). Os antigos colegas do Anglo, do Pedro II, bem como os conhecimentos adquiridos na década de 1920, em Belo Horizonte, foram marcantes na biografia de Pedro Nava. Os contatos de familiares com o governo mineiro possibilitaram ao jovem acadêmico ser admitido na Divisão de Higiene, no mesmo ano, recurso adotado diante das dificuldades financeiras da família: “Minha existência ia mudar. Ia começar a viver à minha custa e a trabalhar” (NAVA, 1976, p. 346).

Beira-mar: memórias 4 é documental sobre o ensino médico e o Modernismo em Belo Horizonte, na década de 1920. Divide-se em Capítulo I – “Bar do Ponto”; Capítulo II – “Rua da Bahia” e Capítulo III – “Avenida Mantiqueira”. Nos textos, estão presentes as

discussões estéticas e políticas que propunham a construção de uma nova nacionalidade. Discutia-se, na capital mineira e em outros centros do país, na década de 1920, a necessidade da construção de uma nova nacionalidade e de um novo universo estético – Modernismo. Entendemos por Modernismo, no Brasil, o conjunto de diversas críticas, propostas e ações (estéticas, políticas, religiosas, educacionais, médicas, etc.) de grupos brasileiros que, na década de 1920, procuraram apresentar modelos para a construção de uma nova sociedade. Intelectuais, no período, veem-se como missionários modernos cujas ações teriam sentido pedagógico e a postura de condutores das massas na construção de uma nova nação (LAHUERTA, 1997).

Nas páginas de *Beira-mar*, destacam-se as questões estéticas e os aspectos da formação estudantil do autor. A liderança de Carlos Drummond de Andrade, as discussões, os livros lidos, a recepção aos modernistas paulistas e as relações com a sociedade de Belo Horizonte preenchem páginas do livro e são documentais sobre o Modernismo em Literatura e Artes Plásticas. Os textos que reconstituem a vida estudantil são documentos sobre o que seria Modernismo nas questões de Saúde e Doenças, discutidas na década e implementadas nas posteriores. Destacaremos o ensino médico, contudo, antes, registraremos uma transcrição sobre a abrangência do universo modernista reconstituído por Nava (1978, p. 91-92):

Só ele e eu? Não. Era enorme o grupo a que o Carlos me apresentou. Era composto do próprio poeta, de dois moços da casa da *Madame* – Francisco Martins de Almeida e Hamilton de Paula e mais de Abgar Renault, João Guimarães Alves, Heitor Augusto de Sousa, João Pinheiro Filho, dos irmãos Alberto e Mário Álvares da Silva Campos, de Emílio Moura, Mário Casassanta, Gustavo Capanema, Gabriel de Rezende Passos, João Alphonsus Guimaraens e Milton Campos. O tempo traria ainda para nossa convivência Dario Magalhães, Guilhermino César, Ciro dos Anjos, Luís Camilo e Ascânio Lopes. Escrevendo o nome desses amigos de mocidade e vendo o que eles foram depois – não posso deixar de dizer do orgulho de ter pertencido a grupo tão ilustre. Dele sairia, já nos anos vinte, a contribuição mais importante de Minas para o Movimento Modernista. Tínhamos o hábito de nos reunir na *Livraria Alves* e principalmente no *Café e Confeitaria Estrela*. Daí, além do pejorativo *futuristas* que nos davam os infensos, a designação de *Grupo do Estrela* – como nos chamavam os indiferentes. Mas tudo isto é uma longa história...

Os jovens mencionados ocuparão espaços na vida brasileira, na política e na cultura artística, Nava esteve ligado a eles. Juscelino Kubitschek (JK) não aparece como participante das atividades intelectuais reconstituídas por Nava; entretanto, foi colega de curso do memorialista, que ocupou cargos no governo do primeiro. Destaca-se que a construção do Complexo da Pampulha, em Belo Horizonte, renunciou as formas de Brasília – ápice do Modernismo em arquitetura. Temos procurado nos textos de Nava, como aluno, elementos que formaram seu pensamento e suas posturas enquanto médico. Podemos observar que, pelas observações naveanas, existiam posições antagônicas entre os professores sobre as concepções de saúde e doenças. Nos textos sobre o trabalho e a pessoa do Professor Henrique Marques Lisboa (1876-1907), a quem o memorialista muito admirava, destacamos os comentários sobre a disciplina ministrada pelo mesmo:

A PATOLOGIA GERAL é em suma toda a filosofia médica. Ela estuda as regras, os princípios, as leis da ciência e da arte hipocráticas; ensina na nossa linguagem especial, a nomenclatura dos sintomas, dos sinais, das entidades; mostra sua divisão, sistematização e classificação; cuida dos princípios da vida e da morte e estuda o que constitui o estado de moléstia e aqueles comuns a todas ou a quase todas as doenças.

Assim esclarece não o contágio da febre tifóide mas o Contágio tomado como situação abstrata traçando a fisionomia e o aspecto de como ele aparece nas outras infecções. Assim com a Febre, a Dor, a Convalescença, a Cura, a Agonia, o Coma. Recapitula ou entreabre as portas de toda a Medicina – é a própria concepção da Medicina. Engrenase com outras cadeiras abstratas cujo estudo deve sucedê-la, que são a Patologia Interna e a Patologia Externa, ou seja a história natural das situações susceptíveis de tratamento pelas drogas, pela higiene, regimes e manobras físicas e das que só obedecem à terapêutica cruenta. Só depois passamos da Doença ao Doente nas disciplinas de Clínica Médica e Clínica Cirúrgica onde aplicamos ao Paciente o que aprendemos de Patologia Geral, Interna, Externa e Terapêutica. Um curso médico sem o estudo da disciplina de que estamos tratando – é como casa sem alicerces e construída sobre areias movediças. Na nossa era de tecnicismo foi suprimida como coisa inútil e este fato é um dos responsáveis pelo que assistimos atualmente – a Babel de internista que esquecem que lhes compete apenas OBSERVAR e que se metem a EXPERIMENTAR (NAVA, 1978, p. 239).

A disciplina mencionada por Nava é o suporte da postura “Clínica” que se construiu ao longo do século XIX, assunto estudado por Foucault em *O nascimento da clínica*. A palavra origina-se do grego *Kliné* – leito, sendo que clínico é aquele que se debruça sobre o leito do paciente, indagando e examinando. Esta postura instaura um discurso sobre a doença onde se busca afastar a subjetividade (LIMA, s/d; FERREIRA, 1994). Possui vertentes e é valorizada por Nava; todavia, o contato com a Psicanálise, na disciplina Psiquiatria, marcou profundamente a formação do autor, influência comentada em diversos momentos das Memórias, como mostra o fragmento abaixo:

O médico precisa duma grande curiosidade de si mesmo e de suas reações diante dos fatos, das doenças e dos doentes para saber se está agindo bem e dentro do interesse primacial do seu paciente. Em outras palavras, deve se analisar em todas as circunstâncias procedendo a um verdadeiro exame de consciência (no sentido católico) ou uma severa autocrítica (no sentido marxista-leninista). (...) Pois bem, grande número de erros vem do estado de punição que o prático quer cominar ao seu doente por motivo qualquer – principalmente pelos motivos de rejeição pessoal, marginalização e discriminação que qualquer coisa no paciente torna-o passível aos olhos de seu médico. Uma simples antipatia dele pelo caso é o bastante. E como são antipáticos mesmo, os chatos, os pegajosos, os gliscróides, os maníacos, os incuráveis, os repugnantes, os grandes doentes sem mais nenhuma defesa ou remédio e para os quais os canalhas aventam a necessidade da eutanásia. Mas são todos criaturas humanas da importância imensa que cada indivíduo se dá- como todo direito. Cada um pode cantar a letra daquele velho fox – *I'm sitting on the top of the world...* Cada doente deve ser julgado pelo como ele se julga e não pelo julgamento que faz dele o seu curão. (...) O outro polo disto são o diagnóstico a que não se chegou e a terapêutica errada ou dolorosa – tudo dado ou feito com caráter não mais curativo, mas punitivo (NAVA, 1983, p. 227-228).

A organização da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte foi contemporânea da expansão do ensino médico e, até os finais do século XIX, circunscrevia-se às Faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro, organizadas desde 1813 e 1815, respectivamente. A fundação da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte foi contemporânea das Faculdades de Medicina de Porto Alegre (1911) e de São Paulo (1912). O alargamento da formação de profissionais médicos estava em meio às questões que envolviam as relações da profissão com o Estado e o papel social deste. Como já visto anteriormente, existiam posturas antagônicas entre o professorado da instituição. Predominava o ensino voltado para a

Clínica de orientação francesa; contudo, a influência norte-americana já se fazia visível (VALE, 2009). Um dos exemplos de confrontos de posições no ensino da instituição e a postura de Nava, diante dessa questão, podem ser observado na transcrição no seu contato com o Prof. José Baeta Vianna, organizador da Biblioteca da Faculdade de Medicina:

(...) Vi suas primeiras estantes, os primeiros livros que por donativo foram começar a enchê-las. Muitos exemplares do Testut, do Gley, do Branca, do Mathias Duval, do Chantemesse e Podwysotsky – descarregados de suas casas por médicos e professores que queriam se ver livres desses cartapácios veneráveis. Também as primeiras revistas e livros americanos que iam auxiliar o Baeta a trabalhar em favor do pragmatismo que ele conseguiu implantar na mentalidade de seus sequazes. Seus alunos passavam por verdadeira *bourrage de crâne* nas aulas de Química, onde se aprendia exemplarmente a matéria e também a execrar a Europa e sua decadência, a admirar superlativamente os Estados Unidos e sua onisciência. Também ele fazia um trabalho de cupim ou de coral às avessas para desmontar nossas concepções sobre a parte prática da Medicina – a Clínica – que ele mostrava como amontoado de erros para só dar valor ao que podíamos ter da Química, da Física, da Microbiologia e da Anatomia Patológica. Sob sua orientação se formaram vários cientistas. Ele tentou aliciar-me no princípio e conquistar-me para a Pesquisa e a Experimentação. Era difícil, pois a essa época eu já era interno de Ari Ferreira e estava moldado definitivamente para a Observação e para o exercício da Clínica. Além disso eu via com olhos suspicazes o apostolado dum homem que dizia horrores da Europa, que achava a latinidade decadente, que não entendia patavina de literatura ou de arte. (...) Caso perdido, continuei a admirar a Europa e a fazer o diagnóstico das doenças do estômago sem exame químico do suco gástrico e a julgar perfeitamente das do fígado e da vesícula sem fazer os doentes passarem pelo suplício das tubagens duodenais (NAVA, 1979, p. 239).

As páginas finais de *Beira-mar* são relativas à formatura. A mãe do memorialista se sentiu recompensada com a profissionalização do filho, como mostra o episódio: “Faço questão de pôr no seu dedo o anel de seu Pai. E ali ela me casou com a profissão (...) Médico. À custa de minha Mãe. À minha custa. Apesar de desajustado. Apesar das perseguições. Médico. Eu era mais um elo na corrente de uma família de médicos” (NAVA, 1978, p. 393). Casamento com a profissão, a mesma vista como missão e sacerdócio são recorrentes nas Memórias. Mostram como ensino, posturas e atos são ritualísticos e contribuem para manter o caráter sacral da profissão, entre os profissionais e o público. Graças à amizade com os filhos do Governador Antônio Carlos, consegue ingressar como médico na Secretaria de Saúde, momento de expansão dos serviços públicos em Minas Gerais (NAVA, p. 392).

Galo das trevas e *O círio perfeito* são relatos das atividades de Pedro Nava em Juiz de Fora (1928), Belo Horizonte (1929-1930), Monte Aprazível (1931-1933) e Rio de Janeiro (1933-1984). *Galo das trevas* divide-se em Capítulo Único – “Jardim da Glória à beira-mar plantado” – referência ao bairro onde residiu por longos anos até a morte, em 1984. Segunda Parte – O Branco e o Marrom – dividido em Capítulo I – “Santo Antônio do Desterro”, codinome dado a Juiz de Fora, e Capítulo II “Belorizonte Belo”, no qual fez referências à capital mineira. As primeiras páginas do livro são densas e dramáticas. Nava descreve o ambiente onde vive e convive com seus fantasmas. Na descrição que faz dos livros relacionados com a Medicina, temos várias informações sobre os interesses e a formação do autor:

(...) Primeiro os clássicos da Medicina com que refiz os que possuía meu Pai e que a precisão me levava a vender nos sebos de Belo Horizonte. Numerosas teses do Rio e da

Bahia. Jaccoud, Graves, Andral, Trousseau, Bretonneau, Woillez, Claude Bernard, dieulafoy. Sei em que baú de cais do Sena, em que sebo da Rue Bonaparte ou da Rue Soufflot fui compra-los. A que mortos eles pertenceram....(...) Meus clássicos de Medicina portugueses e brasileiros comprados a preço de banana às ruas de São José, Constituição, Regente Feijó. Os livros de História da Medicina que me ensinaram mais amar a Arte e a integrar-me na nobreza de uma família de Asclepiades que vem da Grécia, com raízes egípcias e babilônicas; que passou depois para Roma; na Idade Média foi árabe, judaica, eclesiástica, conventual, monástica, universitária – salernitana, parisiense, oxoniana, cantabricense, salamanquenha e coimbrã; que trazendo consigo a Renascença, veio para o Brasil com as caravelas na pessoa de Mestre Johanes Emmenelaus *Artium et Medicinae Bacchalaris*; aportou à Bahia e ao Rio e as Escolas Médicas de Dom João VI deram descendências espalhadas em todos nossos Estados. Meu Jean Jacques Rousseau, quatro volumes, grande formato, edição de Furne e Houssiaux, de 1835 a 1853, eu os descobri num buquinista da *rive-droite* na minha primeira viagem à Europa. (...) Recoloco Rousseau no seu lugar e na mesma estante, viajo idades adentro palpando o dorso dos setenta volumes da minha hipocrática. São quatrocentos e quarenta e três anos de médicos mortos, seus donos sucessivos até que esses livros chegassem a minhas mãos – desde a edição de 1535 saída apenas dez anos depois da primeira veneziana em que se imprimiu o Pai da Medicina: *Lugduni apud Scipione de Bebiano Fontis*. (...) Vejo-as impressas ao completo, num volume. Em dois, três, quatro ou dez como a tradução insuperável de Littré. Esse nome e os de Daremberg, do Chevalier de Mercy e os mais prolectos de Ianum Cornarium, Nicolaum Leonicenu, Andream Brentium, Gulielmum Capum Basiliensem, Joānis Vasseis Meldensis e Guidus Antonius Albanus – inseparáveis do de Hipócrates de Cós pelos séculos dos séculos (NAVA, 1987, p. 49-51).

A transcrição reforça a postura de Nava sobre a profissão. Considerava-se pertencente a uma dinastia de médicos que começou com Hipócrates. Os títulos nomeados por Nava identificam caminhos e posturas em relação à Saúde e Doenças no Ocidente e são nomes que formaram as concepções do escritor sobre o assunto (FLECK, 2010). O autor foi nomeado como médico do Serviço Público para Juiz de Fora (1928). Denomina a cidade de Santo Antônio do Desterro, referência ao primeiro nome da localidade que foi Santo Antônio do Paraibuna. O jovem médico viveu aborrecidas experiências na cidade de onde saíra aos dez anos. Teve experiências desagradáveis com os parentes maternos e com o corpo médico local. O aspecto que mais marcou o memorialista foi não ter conseguido ser admitido na Santa Casa de Misericórdia, único hospital da cidade, naquele momento (NAVA, 1979).

A valorização da Clínica e a “função moral” do médico, um sacerdote, são constantes na obra naveana. Ele que, em *Baú de ossos*, escrevera sobre a rudeza e a mesquinha dos parentes maternos, opostos aos paternos, em *Galo das trevas*, acrescentou atritos com médicos ligados à Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora e à Santa Casa local. Caricaturizou o grupo médico dominante como um bando de católicos reprimidos e repressores. Ao final de sua estadia em Juiz de Fora, presenciou uma epidemia de febre amarela que assolou Juiz de Fora (NAVA, 1979). Nava apresenta o seguinte depoimento sobre seu trabalho no combate à febre amarela:

Quando a febre amarela chegou ao Desterro, já encontrou gente apta para combatê-la. Repetiu-se o que Fraga estava fazendo no Rio e a epidemia reduziu-se a umas dezenas de suspeitos e a poucos verdadeiramente doentes. Destes, quase todos foram casos benignos da chamada por Sinval Lins a forma frusta ou renal. Só um se apresentou com aspecto grave, maligno, hipertóxico. O Egon pôde assim observar coisa que poucos médicos de sua geração terão podido ver: uma forma clássica de *vômito negro*.

Nesse paciente ele assistiu ao que Torres Homem cansara de ver e que descrevia tão magistralmente: as siderações, os aspectos congestivos, as dores do tronco e dos membros, a cefalalgia tirana, as diarreias, a anúria, a icterícia de açafão, as hemorragias, o vômito negro, o coma, a morte... Teve a vantagem, graças à epidemia e ao seu espírito de observação, de estender sua mão, mergulhá-la no tempo, senti-la segura por Torres Homem e de entrar na cadeia da Escola Clínica do mestre incomparável. E mais: a prerrogativa de prestar um pequeno serviço à sua terra de nascimento (NAVA, 1979, p. 273-274).

Nava sente-se seguro pela mão de Torres Homem, pioneiro e divulgador dos princípios da clínica no século XIX no Brasil, postura à qual fizemos referência anteriormente, ligação com uma linhagem de médicos. Na organização dos serviços para o enfrentamento à epidemia, nota-se que os serviços públicos estavam mais bem preparados para o enfrentamento da questão. Nava retornou para Belo Horizonte e testemunhou o ambiente preparatório para o desencadeamento da Revolução de 1930 (NAVA, 1979). O memorialista comentou sobre sua postura diante do momento político:

Enquanto esses acontecimentos se desenrolavam em Minas e no resto do Brasil o Egon tornara-se aos poucos fanático da Aliança Liberal e partidário intransigente da candidatura de Vargas. Depois da morte de João Pessoa atribuída por todo mundo a mais um dos desmandos que vinha praticando o Governo Federal – ele desejava a tomada do poder pelas armas e por revolução que mudasse a face política e social do Brasil (NAVA, 1979, p. 457).

O apoio ao movimento que levou Vargas ao poder foi o comum entre os jovens modernistas. O aspecto mais atraente a essa geração foi a proposta de centralização administrativa, em oposição às oligarquias locais. Um estado centralizado conduziria à construção de uma nova nacionalidade. A Semana de Arte Moderna, Fundação do Partido Comunista do Brasil e Movimento dos Tenentes, em 1922, são indícios de descontentamento, crises e novas propostas. A década de 1930 buscará diferentes respostas a essas questões (VALE, 2009).

A obra *O círio perfeito*: memórias 6 – último livro de Memórias, lançado em 1983, divide-se em I. “Belorizonte Belo”; II. “Oeste Paulista” e III. “Campo de Santana”. Mostra a atuação do médico em Belo Horizonte, onde presenciou os fatos envolvidos com a Revolução de 1930, deixando inúmeras observações sobre o atendimento aos feridos. Iniciou-se, para Nava, um período de tranquilidade financeira e de desenvolvimento profissional: assistente na Santa Casa, funcionário público e consultório particular. Envolveu-se em um namoro com Zilá Pinheiro Chagas, a quem dá o codinome de Lenora. A jovem, de comportamento transgressor para os padrões da época, ocupou inúmeras páginas desse livro. O suicídio de Zilá levou Nava a abandonar Belo Horizonte e mudar-se para Monte Aprazível, no oeste paulista, onde se encontrava o antigo colega Cavalcanti. A região estava sendo aberta ao plantio de café, atraindo imigrantes e migrantes, mas a população estava enfrentando problemas com doenças (VALE, 2009).

Em Monte Aprazível, permaneceu nos anos de 1931 a 1932. Nessa cidade, Nava teve experiências profissionais comuns aos médicos do período. Atendimento no consultório particular, partos difíceis em lugares distantes e casos difíceis de paludismo, epidêmico na região. O problema mais grave do ponto de vista clínico-sanitário de Monte Aprazível era o da febre tremedeira, febre dos pântanos, malária, paludismo (NAVA, 1983). Em Monte Aprazível, permaneceu nos anos de 1931 a 1932. Refeito das causas que o levaram para essa região, mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1932, ingressando no Serviço Público Municipal, na Reforma Pedro Ernesto de 1933: “(...) do êxito de suas

gestões junto ao prefeito Pedro Ernesto Batista a quem chegou apresentado pelos seus amigos Rodrigo Melo Franco de Andrade, Afonso Arinos e Virgílio de Melo Franco” (NAVA, 1983, p. 274). A eles ficou devendo o lugar em que fez sua carreira na assistência pública carioca.

As páginas de *O círculo perfeito* se constituem de relatos do ambiente médico, questões de um Pronto Socorro e de aspectos que envolveram as relações Saúde e Estado na Era Vargas. Nava inseriu-se no mundo médico do Rio de Janeiro, e o livro mostra vários aspectos disso. O Pronto Socorro era dirigido pelo médico Genival Londres, homem de grande prestígio político. Isso leva Nava a conhecer outros profissionais referendados pela sociedade e meio médico do Rio: “Assim seria também, de festa, o dia em que ele fora, a convite do Londres, visitar o serviço em que este trabalhava como assistente de Clementino Fraga, na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro” (NAVA, 1983, p. 361).

Ficaram conhecidas como Reforma Pedro Ernesto (1932-1935) as reformas administrativas que o médico, com esse nome, implantou na cidade do Rio de Janeiro. Nomeado pelo Governo Vargas para prefeito do então Distrito Federal, tornou visíveis propostas em Saúde, Educação e Urbanismo, as quais posteriormente, foram adotadas pelo Estado Novo (1937-1945). Foram inovações e características da administração Pedro Ernesto: a) ações na construção de uma rede educacional pública, leiga; b) organização de um sistema de assistência médica à população. Diversas páginas de *O círculo perfeito* são dedicadas ao período de 1935 a 1937, em que Nava mostra o cotidiano do período e os conflitos de posturas, a exemplo:

(...) Eram poucas doentes para cada e bom para elas porque assim eram melhor observadas, mais bem assistidas, e perfeitamente tratadas. O Eliezer, o Esmaragdo, o Egon e o Nava eram médicos do interior recentemente instalados no Rio e que não fizeram má figura (muito antes pelo contrário) perante o chefe e os companheiros de formação carioca como Acilino, saído da escola de Miguel Couto, e Múcio, da de Aloysio de Castro. Entrosavam-se assim na tradição da *linha de centro* da clínica médica brasileira – nobilitada por sua saída das mãos de Miguel Couto, Francisco de Castro, Torres Homem e do criador de nossa medicina interna: Manuel Francisco de Valadão Pimentel, barão de Petrópolis. Essa escola de origem nitidamente francesa teve sempre como adversa, outra, a mais germânica, de Rocha Faria, Nuno de Andrade e Agenor Porto. A última era esnobada pela primeira, chamada pelos partidários desta – a *linha auxiliar* (NAVA, 1983, p. 297).

O memorialista reforça sua posição de pertencente a uma linhagem de clínicos. Nava foi médico no período de 1928 a 1983. O período foi de modificações no exercício da profissão, em seus aspectos específicos (novas terapêuticas), nas relações da mesma com o Estado, além de intensas mudanças da sociedade brasileira. Testemunhou o uso inicial da insulina, o desenvolvimento da radiografia e, nos anos 1950, o surgimento da penicilina. No Pronto Socorro:

Eram realmente as primeiras sulfamidas aparecidas no Rio. Iam ser inauguralmente usadas no serviço Benício de Abreu. Todos começaram a empregá-las sem saber que estavam iniciando uma revolução que no limiar dos anos 40 seria completada com o aparecimento da penicilina. A clínica interna reabilitando-se de anos de inércia – ia começar realmente a *curar* e emparelhar-se com o fabuloso desenvolvimento a que tinha chegado a cirurgia no nosso século (NAVA, 1983, p. 311).

A defesa de um Estado centralizador, como mencionamos anteriormente, foi presente no Modernismo, em sua vertente mineira, da qual Nava foi ativo participante. Essa

geração apoiou o movimento de 1930, teve ativa participação e relações diversas com o governo de Vargas. A criação, em 1930, dos Ministérios do Trabalho, da Educação e Saúde Pública apontam para o Estado interferindo nas relações de trabalho, educação e saúde. Nava esteve no palco de acontecimentos que foram marcantes. A atuação de Pedro Ernesto trouxe antagonismos com a Igreja Católica e grupos de médicos. A expansão da rede pública de educação ameaçava as escolas particulares, católicas, em sua maioria. A expansão do atendimento médico despertou a oposição dos profissionais que queriam a permanência do caráter liberal da profissão, admitiam o Estado atendendo à saúde, desde que isso ficasse restrito à pobreza (VALE, 2009b).

A atuação de Pedro Ernesto, que era liberal, começa seu declínio quando entra em colisão com forças direitistas, que aumentaram seu espaço no período de 1934-1937 e ascenderam no período de 1937-1945 – Estado Novo. O distanciamento fica mais visível entre abril de 1935 e 1936. É o momento da formação de uma frente, na imprensa, liderada pelo jornal *O Globo*, de oposição a Pedro Ernesto. Somavam-se imprensa, grupos de médicos, nomes do governo – a exemplo Francisco Campos – e a cúpula da Igreja Católica. Acusa-se Pedro Ernesto de comunista (VALE, 2009b).

A administração de Pedro Ernesto concretizou reivindicações da década de 1920 quanto à presença do Estado nas questões de saúde e educação. A ascensão de Pedro Ernesto foi possível no Governo Provisório (1930-1934). No período, o Tenentismo teve espaço como uma “nova” força capaz de conter as “antigas” oligarquias. A rearticulação das oligarquias (1934-1937), o cenário internacional onde o autoritarismo de direita se encontrava em crescimento, conflitos com grupos de médicos, a oposição católica e a escolha do Comunismo como sinônimo de perigo à ordem, entre outros fatores, interromperam a trajetória política de Pedro Ernesto (VALE, 2009b).

As páginas de *O círculo perfeito* mostram o cotidiano da organização e a expansão dos serviços públicos de saúde. A ação de Pedro Ernesto no Distrito Federal, com modificações, foi apropriada e implementada por Vargas nacionalmente. A Era Vargas (1930-1945) foi um período de concretização de diversas propostas modernistas. Os primeiros signos desse governo foram construções de hospitais e escolas, instituições que, simbolicamente, significavam a presença do Estado junto a setores excluídos economicamente e espacialmente no período anterior. Contudo, no imaginário organizado pelo Estado Novo (1937-1945), e que perpassa a historiografia, o marco do Modernismo em Arquitetura foi a construção do prédio, no centro do Rio de Janeiro, para abrigar o Ministério da Educação e Saúde (1936-1945). As questões que envolveram essa construção e a atuação de Gustavo Capanema na pasta (1934-1945) apontam para novos rumos e concepções em Educação e Saúde no governo Vargas (VALE, 2009b).

Conclusão

As Memórias naveanas traçam um painel enciclopédico da sociedade brasileira. São documentais sobre os processos de Modernização e Modernismo (1890-1940). Nos textos de Pedro Nava, estão explícitos e implícitos conflitos e tensões que norteiam as sociedades. Memórias de um septuagenário e octogenário que, referendado socialmente como médico, ao aposentar-se, iniciou nova carreira, a de literato, na qual foi igualmente bem sucedido. História de uma vida que, no seu ocaso, trouxe inovações para a Literatura Brasileira.

Lendo as Memórias, temos possibilidades de desvelar aspectos da História Social do Brasil. A Literatura é criação de uma **realidade**, não a realidade da natureza, mas a **realidade estética**. O escritor é ator social e, como tal, diz de si e de seu tempo. Sobre a

sociedade criada por Nava nas Memórias, nós, historiadores, deparamos com documentos que, para nosso ofício, exigem críticas e procedimentos de nossa área. O amor e o trabalho são próprios dos seres humanos. Nava deixa, nas Memórias, testemunhos de tragédias amorosas e êxitos profissionais.

A escrita de Nava, médico e modernista, ao reconstituir trajetórias de médicos, desvela diversos aspectos da profissão. Mostram antagonismos de posturas e estratégias de sobrevivências. Corroboram estudos acadêmicos sobre aspectos da sociedade brasileira sobre exclusão e compadrio. Nava pertenceu a uma geração de intelectuais que se viam como missionários para a construção de uma nova nação. Não viam no “popular” nada além de exotismo. Nava, igualmente, vê, nas outras práticas de cura, apenas curiosidades. Vê a si mesmo como um missionário, um sacerdote, aquele que deve levar a Luz (conhecimento científico) para dissipar a Treva (doença).

Referências bibliográficas

ALEXANDRE, Kátia Carvalho. *Saberes de cura e hibridismo*. Relações entre ciência, magia e saúde no Morro da Conceição, no Recife. Recife: PPGS/UFP, 2006. Disponível em:

<http://www.hc.ufmg.br/gids/anexos/construcao_clinico.pdfhttp://www.jornaldomauss.org/jornal/extra/2007_09_06_10_01_40_katyacarvalho.pdf>. Acesso em: 24 maio 2012.

ANDRADE, Sílvia Maria Belfort Vilela. *Classe operária em Juiz de Fora: uma história de lutas (1912-1914)*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1984.

BARROSO, Elaine Aparecida Laier. *Modernização e Higienismo: controle sanitário e gestão político-científica na Manchester Mineira*. Juiz de Fora: PPGH/UFJF, 2008. Disponível em:

<http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/123456789/169/1/elaineaparecidalaierbarros_o.pdf>. Acesso em: 23 maio 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *Esboço de autoanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

CHALOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Orgs.). *A História contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

DANTAS, Rodrigo Aragão. Sangradores cariocas: o ofício de sangrar no século XIX. In: Salvador (BA): XI Congresso Luso Afrobrasileiro de Ciências Sociais., 2011. Disponível em:

<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307130160_ARQUIVO_SANGRADOESCARIOCASOOFICIODESANGRARNOSECULOXIX.pdf> Acesso em: 22 maio 2012.

EDLER, Flávio Coelho; FONSECA, Rachel Fróes. O surgimento da medicina experimental e reforma curricular. Rio de Janeiro: *Cadernos ABEM*, v. 2, p. 17, jun. 2006.

EDLER, Flávio Coelho. *Boticas e Pharmacias* – uma história da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006b.

SCOREL, Sarah; TEIXEIRA, Luiz Antônio. História das políticas de saúde no Brasil de 1822 a 1963: do Império ao desenvolvimento populista. In: GIOVANELLA, L. et al (org). *Políticas e sistemas de saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008, p. 333-384.

FERREIRA, Luis Octávio. João Vicente Torres Homem: descrição da carreira médica no século XIX. In: PHYSIS, Revista de Saúde Coletiva, v. 4, n. 1, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73311994000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 maio 2012.

FLECK, Ludwick. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*: introdução à doutrina do estilo de pensamento e do coletivo de pensamento. Belo Horizonte: Fabrefactum Editora, 2010.

GOMES, Teixeira M. *Correspondência*. Lisboa: Amigos do Livro, 1960.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HOCHMAN, Gilberto. Vacinação, varíola e uma cultura de imunização no Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 16, n. 2, 375-386, 2011.

HOBSBAWM, Eric. Da História Social à história das sociedades. In:_____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 83-105.

HUYSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KOURY, Lorelai. Um médico no Império. Cruz Jobim interpreta a ciência europeia. In: *X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ. Histórias e Biografias*. Rio: URRJ, 2002. Disponível em: <www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2002/.../Kury%20Lorelai.doc>. Acesso em: 22 maio 2012.

LAHUERTA, Milton. *Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista e modernização*. In: LORENZO, Helena Carvalho, COSTA, Wilma Peres (Orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 93-114).

LANA, Vanessa. Uma associação científica no “interior das Gerais”. A Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora. Rio de Janeiro: PPGHS/FIOCRUZ, 2006. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ppghcs/media/lanav.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2012.

LIMA, Monica Assunção. *A construção do caso clínico na equipe interdisciplinar*. Disponível em: <http://www.hc.ufmg.br/gids/anexos/construcao_clinico.pdf> Acesso em: 23 maio 2012.

LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres (Orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: EDUNESP/FAPESP, 1997.

MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil: um estudo de caso*. Juiz de Fora: EDUFJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

NAVA, Pedro. *Baú de ossos – memórias*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.

_____. *Balão cativo: memórias 2*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

_____. *Beira-mar: memórias 4*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. *Chão de ferro: memórias 3*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

_____. *Galo das trevas: memórias 5*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

_____. *O círio perfeito: memórias 6*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983 .

NASCIMENTO, Dilene Raimundo; SANTA, Marcos Gomes. O método comparado em História das Doenças. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo ; CARVALHO, Diana Maul; MARQUES, Rita de Cássia (Orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p. 10-23.

ROSEN, George. *Uma história da Saúde Pública*. Trad. Marcos Fernandes da Silva Moreira. 2. ed. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva/Manguinhos, 1994.

SALGADO, Ilma de Castro Barros. *Pedro Nava: mulheres reveladas e veladas*. Juiz de Fora: Editar Editora Associada, 1999.

SONTAG, Suzan. *Doença como metáfora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WITKOWSKI, Ariane. Pedro Nava ou a renovação da autobiografia. In: *Leitura*. São Paulo, v. 18, n. 9, p. 15, set. 2000.

VALE, Vanda Arantes. Entrevista com a Professora Anna Nava em encontro no dia 20 de março de 2001.

_____. *Pedro Nava – cronista de uma época: Medicina e sociedade brasileira (1890-1940)*. Belo Horizonte: PPIFCH/UFMG, 2009. Tese de doutorado.

VALE, Vanda Arantes. Modernização, Modernismo – saúde e doenças: memórias de Pedro Nava. In: *VI Seminário de Literatura Brasileira*. Montes Claro (MG): Unimontes, 2012b.

_____. Modernismo: saúde e Estado (1920-1935). *Lócus*: revista de História, Juiz de Fora, v. 15, n. 2. p. 29-45, 2009.

VENTURA, Zuenir. *Minha história dos outros*. São Paulo: Planeta, 2004.

Entrevista de Helena Bomeny e René Batista em 03 de abril de 1983.